



**SOCIEDADE
CRISE E RECONFIGURAÇÕES**

VII CONGRESSO PORTUGUÊS DE SOCIOLOGIA

19 a 22 Junho 2012

Universidade do Porto - Faculdade de Letras - Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação

ÁREA TEMÁTICA: Identidades, Valores e Modos de Vida

**“A INSERÇÃO DOS ESTUDANTES ESTRANGEIROS EM PROGRAMAS DE MOBILIDADE UNIVERSITÁRIA
NA COMUNIDADE ACADÉMICA DA UNIVERSIDADE DO MINHO E NO CONTEXTO SOCIAL
CIRCUNDANTE”**

FERREIRA, Filipe

Mestrando em Sociologia – Desenvolvimento e Políticas Sociais

Universidade do Minho

filipevonnordeck@gmail.com

Resumo

Este texto versa sobre a mobilidade de estudantes. Parte de uma pesquisa exploratória realizada na Universidade do Minho, baseada em entrevistas. Procura-se apresentar algumas conclusões, mostrando as principais linhas de problematização que as mesmas propõem, no âmbito do debate entre a mobilidade de estudantes, a internacionalização do conhecimento e a globalização

Abstract

This paper analyzes the mobility of students. It starts from an exploratory research at the University of Minho, based on interviews. It seeks to present some conclusions, showing the main lines of the debate within social sciences, giving special importance to the relationship student mobility, internationalization and globalization of knowledge.

Palavras-chave: Mobilidade académica; interculturalidade; globalização; conhecimento

Keywords: Academic mobility; interculturality, globalization, knowledge

PAP0615

1. Introdução

Pode-se considerar que a mobilidade de estudantes resulta do desenvolvimento de relações de cooperação e internacionalização entre várias universidades, ao qual se tem assistido nos tempos mais recentes. Este tipo de mobilidade define a circulação de estudantes com diversos níveis de qualificações, incluindo mestrandos, doutorandos e pós-doutorados. Tem-se assumido que a mobilidade académica é um dos pilares mais importantes na estratégia de internacionalização das universidades. Todos os anos centenas de estudantes partem do seu país de origem para uma experiência de intercâmbio universitário no exterior. Uma relativa parte deste grupo poderá estar a desempenhar funções profissionais ou científicas.

Existem vários programas ativos de promoção de mobilidade. Um dos principais, a nível europeu, é o ERASMUS - *European Region Action Scheme the Mobility of University Students*. Foi criado em 1987 e é hoje um dos programas académicos com maior visibilidade na Europa. O programa Erasmus envolve cerca de 150.000 estudantes e estagiários por ano que vivem a experiência de intercâmbio académico e cultural (Van Mol, 2011). Desde a introdução do programa têm sido realizados diversos estudos de avaliação da sua eficácia e impacto. Grande parte destas pesquisas realiza-se em contexto institucional e tem vindo a demonstrar algumas lacunas no que concerne a compreensão dos mecanismos e das práticas de mobilidade específicas dos estudantes. Destaquem-se os estudos realizados no âmbito de diversas disciplinas, cujo objetivo tem sido a análise interpretativa dos processos de mobilidade à luz, não só de paradigmas económicos, mas também políticos e, sobretudo, sociológicos.

Este artigo centra-se na experiência de mobilidade de estudantes, dando relevância às motivações, expectativas e avaliação da experiência de inserção e/ou integração social e cultural não só na comunidade académica mas também no meio social da Universidade do Minho. O objetivo é perceber, primeiramente, o que levou estes estudantes a partir para uma experiência de intercâmbio universitário e caracterizar como os mesmos avaliam a experiência. Identifica-se neste processo as vantagens e as barreiras desta experiência de mobilidade na sua trajetória social.

O texto está dividido em seis partes. Na primeira, apresenta-se uma breve problematização da mobilidade académica e, consequentemente, a metodologia de trabalho do estudo apresentado. Depois dos dados estatísticos quantitativos de outros estudos sobre a mobilidade académica no espaço europeu, descrevem-se as motivações e as barreiras que os estudantes observados viveram antes e durante os seus processos de intercâmbio universitário. A partir desta análise propõem-se algumas das principais linhas de compreensão dos processos de inserção para elaborarmos uma consideração final sobre a realidade social dos estudantes estrangeiros em programas de mobilidade académica na Universidade do Minho.

2. Breve contextualização do problema

Estudar a mobilidade dos estudantes implica compreender as motivações e as expectativas que os levaram a deixar o seu meio de origem, partindo para uma experiência de mobilidade. Segundo Teichler (2000) a internacionalização do conhecimento científico e a mobilidade podem ser pensadas como alternativas para as populações de países pobres ou com falta de recursos adequados às expectativas de formação destes jovens.

No entender de vários autores, a experiência de intercâmbio durante a formação académica é encarada, muitas vezes, como uma oportunidade profissional, considerando-se que facilita uma posição privilegiada no mercado de trabalho competitivo (e.g., Brooks & Waters, 2009; Munk, 2009; Van Mol, 2008; Urban, 2009). Ong (in Brooks & Waters, 2009), mostra, nesta perspectiva, que o grau de contato com o ensino e a formação ocidental tem muito impacto no mercado de trabalho em Hong Kong. Como afirma Lowell e Abelda (in Van Mol, 2008), o capital humano é um recurso fundamental para o desenvolvimento económico. Quando os países desenvolvidos e centrais se apropriam desse capital, aumenta o risco de desigualdade económica entre estes países. Por isso, alguns autores consideram que a mobilidade académica favorece a

fuga de cérebros intensificando as relações de dependência e de dominação entre os países desenvolvidos e os subdesenvolvidos. Outros autores consideram que a mobilidade durante as fases de formação proporciona o ganho de conhecimento (*brain drain*) porque o país de origem é favorecido pelo conhecimento adquirido fora. Chritosph Van Mol (2008) analisa o fluxo de mobilidade dos estudantes chineses para universidades norte americanas e europeias. O autor conclui que a China retirou mais-valias desta mobilidade para o seu próprio desenvolvimento económico e científico, pois mobilizou recursos no sentido de atrair de novo os seus cidadãos para organizações produtivas na China.

Há uma certa tendência para enfatizar a ideia de que a mobilidade de estudantes caracteriza mais os países pobres que procuram os estados mais centrais para desenvolver competências e, possivelmente, conseguir um emprego futuro. Mas, a mobilidade académica não é só uma realidade dos países subdesenvolvidos. No Reino Unido, por exemplo, onde existem centros académicos de excelência como Oxford e Cambridge, os jovens partem para uma trajetória académica de mobilidade. Mesmo assim, Brooks e Waters (2009) assumem que esta mobilidade surge em consequência da busca centros de ensino de excelência, por parte de jovens de ascendência social mais favorecida. Segundo explicam os autores, nem sempre estes estudantes conseguem entrar nas mais conceituadas universidades britânicas e, para manterem a primazia da sua formação, partem para os Estados Unidos, a fim de obterem graus conferidos por reputadas universidades. Para Brooks e Waters (2009) a motivação principal para a mobilidade é social e classista. Na mesma linha, Munk (2009) observou que as motivações dos estudantes dinamarqueses e suecos para a mobilidade residem na procura de um maior capital social e simbólico. No entanto, Munk (2009) sublinha a importância do conceito de *habitus* de Bourdieu (2011) que define a origem social e cultural do indivíduo como um processo que condiciona as disposições da sua trajetória cultural e social. Apesar da atribuição de bolsas de intercâmbio universitário por parte dos governos dinamarquês e sueco a estudantes de todos os meios sociais, são os estudantes oriundos de meios familiares com maior capital informacional e simbólico que demonstram maior iniciativa para partir (Munk, 2009). Esta realidade é similar em vários países e acontece no interior do programa Erasmus que, pela sua dinâmica – nomeadamente modo e montantes de financiamento, também favorece a saída de estudantes com mais capital económico.

No geral, os estudos acerca da mobilidade de estudantes centram-se na caracterização dos motivos e das expectativas de mobilidade, incluindo também a avaliação dos efeitos da mesma na realização pessoal, na vida pessoal e, eventualmente, na vida profissional. Todos eles acabam por concluir os efeitos positivos da mobilidade sobre as próprias carreiras profissionais, sendo importante destacar o fato de a mobilidade nestas fases iniciais da formação, poderem favorecer a disposição futura para procurar emprego noutros países. As dimensões ainda menos exploradas, mas com cada vez mais propostas de estudo, dizem respeito à inserção desses jovens em mobilidade nos países e nas instituições de acolhimento, tendo em conta tanto elementos de ordem institucional – relacionadas com as práticas de acolhimento e modelos de funcionamento dos intercâmbios – como elementos de ordem cultural e social – relacionados com o nível de interação e sociabilidade dos alunos em mobilidade com os alunos “nativos”.

Segundo um estudo de Domingues (2009), realizado com estudantes inseridos no programa de mobilidade, Erasmus na Universidade da Corunha, os fatores que os motivaram a escolher a cidade galega foram principalmente culturais e linguísticos. Como afirma Teichler (2002), o conhecimento de novas culturas e de novas línguas construiu uma das principais motivações dos estudantes que viveram esta experiência de mobilidade académica. No entanto, o autor (Teichler, 2002), não relativiza a experiência académica dos estudantes, bem como as novas perspetivas científicas e profissionais que a mobilidade académica estimula. A mobilidade académica não deixa de ser, neste sentido, uma “mobilidade vertical” (Rivza & Teichler, 2007) quando os estudantes encontram no país de acolhimento condições de prosseguimento dos seus planos a nível académico e científico. Segundo Van Mol (2011), existe uma correlação entre a mobilidade académica e a posterior mobilidade profissional. Para o autor, o estudante, quando parte para uma experiência de intercâmbio universitário no estrangeiro, mostra disposição para uma trajetória de vida migrante, segundo os seus interesses profissionais e científicos. De alguma forma, o intercâmbio pode abrir horizontes de longa duração para projectos mais duradouros e abrangentes, podendo conduzir também ao “*brain drain*” ou seja, a “fuga de cérebros” (Moreira, 2009).

A fuga de “cérebros” dos países subdesenvolvidos para os mais desenvolvidos tem sido considerada vital para o desenvolvimento dos segundos. Peixoto afirma este processo para o caso dos Estados Unidos da América (Peixoto, 1999) que, à custa desta mobilidade se tornaram esta potência económica como expoente máximo da investigação científica. Os Estados Unidos lucraram com a entrada de cérebros oriundos de países asiáticos, especialmente da Índia, do Paquistão e das Filipinas. Tratava-se de profissionais qualificados que entravam nos Estados Unidos como estudantes e com a ideia de não regressarem ao seu país de origem, num processo evidente de dominação científica que fomentou ainda mais as relações de dependência entre países desenvolvidos e subdesenvolvidos. Neste enquadramento, Van Mol (2008) perspetiva que a mobilidade académica possa ser concetualizada como um instrumento mobilizado no processo de disputa mundial pelo capital humano.

Um estudo realizado por Krazkiewska e Krupnik (2005) observa que a grande maioria dos estudantes que parte para uma experiência académica de Erasmus é do sexo feminino (61,5%), e tem motivações de mobilidade diferentes, quando comparadas que os seus colegas do sexo masculino. Segundo este estudo, enquanto as estudantes do sexo feminino têm a expectativa de conhecer uma cultura diferente e apreender uma língua nova, os seus colegas do sexo masculino vêem esta mobilidade académica como uma possibilidade de viver uma experiência de lazer e diversão, para além da possibilidade de conhecer pessoas novas (Krazkiewska & Krupnik, 2005). Conforme os dados da Comissão Europeia (2012), no ano letivo de 2010/11, 231.410 estudantes viveram uma experiência de mobilidade académica inserida pelo programa Erasmus, distribuído por 3.041 instituições de ensino superior. O país europeu que enviou mais estudantes em Erasmus foi a Espanha (com cerca 37 mil estudantes), seguido da França (cerca 32 mil estudantes), Alemanha (com cerca 30 mil estudantes), da Itália (cerca 22 mil estudantes) e Polónia (cerca 14 mil estudantes). Os países que receberam maior número de estudantes estrangeiros de Erasmus foram a Espanha, a França, a Alemanha e o Reino Unido. A grande maioria destes estudantes (67%) está em licenciatura ou bacharelato. Apenas 28% está a completar o mestrado e só 1% o doutoramento. Os cursos em que se insere a maioria destes estudantes no ano letivo de 2010/11, segundo os dados da Comissão Europeia (2012), são as ciências sociais, a gestão e o direito com 34,7%, seguidas das humanidades e artes com 31,5% e da engenharia e tecnologia com 12,6%. Somente 7,2% dos estudantes são de ciências naturais e matemática.

O projeto de mobilidade Erasmus já inseriu cerca de 2,5 milhões de estudantes desde 1987 (Comissão Europeia, 2012), quando foi implantado. Ao longo do tempo os números de estudantes em mobilidade foram aumentando concomitantemente com o aumento da bolsa financiada pela União Europeia.

Tal como indicado na introdução, procuramos nesta comunicação incidir a análise sobre os motivos de escolha do programa de mobilidade e sobre uma avaliação da experiência de mobilidade.

3. Metodologia

A mobilidade académica é uma temática relativamente recente nas ciências sociais. Tal como a mobilidade de profissionais qualificados, que tem chamado a si cada vez maior atenção, também a mobilidade de estudantes tem recolhido interesse político crescente. Até aos anos noventa, as pesquisas sobre este assunto progrediram na base de estudos quantitativos. Entretanto, hoje redobra-se a atenção sobre o sentido da mobilidade e os seus significados, assumindo-se serem os sujeitos quem mais legitimidade têm para construir as suas realidades, atribuindo valor diferenciado à mobilidade e produzindo discursos próprios sobre a necessidade e a inevitabilidade desta. A investigação na qual se baseia esta comunicação tem um carácter exploratório e foi desenvolvida a partir da realização de entrevistas semiestruturadas conduzidas junto de estudantes em mobilidade e atualmente inscritos em cursos da universidade do Minho. Contempla também alguns dados recolhidos através de observação direta junto da mesma população no ano de 2010. A informação das entrevistas, depois de transcrita, foi analisada, recorrendo à técnica de análise de conteúdo. A amostra é constituída por sete entrevistas realizadas a estudantes com origem em seis países diferentes e foi definida a partir da metodologia “bola de neve”. As entrevistas realizaram-se individualmente nas residências dos entrevistados, envolvendo quatro mulheres e três homens. Dois dos entrevistados são de

nacionalidade brasileira. Os restantes são oriundos da Espanha, Turquia, Roménia, Alemanha e China. As idades dos entrevistados estão compreendidas entre os 21 e 33 anos. Nesta Amostra estão representadas as ciências naturais, sociais e humanidades (incluindo Economia e Letras). Todos os entrevistados residem em Braga durante o seu intercâmbio universitário. No quadro seguinte (quadro 1) apresentamos as principais características dos entrevistados. Incluímos nesta síntese algumas das informações mais relevantes a considerar na análise das trajetórias de mobilidade.

Quadro nº 1 – perfis dos entrevistadosⁱ

Identificação	Idade	Sexo	País de origem	Curso a frequentar
“Gustavo”	33	Masculino	Brasil	Sociologia
“Teresa”	23	Feminino	Brasil	Psicologia
“Juan”	27	Masculino	Espanha	Engenharia Informática
“Hakan”	24	Masculino	Turquia	Finanças Públicas
“Lisa”	21	Feminino	Alemanha	Negocios e Estudos Interculturais
“Tati”	24	Feminino	China	Língua Portuguesa
“Nadia”	24	Feminino	Roménia	Física

4. Mobilidade: motivos

A mobilidade académica não é um fenómeno homogéneo. Implica vários fluxos marcados pela diversidade de motivações e objetivos. Tanto envolve estudantes a participar em programas de intercâmbio universitário temporário (sendo o programa Erasmus que engloba mais estudantes) durante seis meses ou um ano, como estudantes que deixam o seu país de origem para fazer o seu percurso universitário num país academicamente e cientificamente mais atrativo e durante vários anos. A mobilidade académica pode implicar também a mobilização de investigadores e docentes durante um tempo indeterminado, conforme os seus objetivos profissionais e científicos.

A maior parte dos estudantes entrevistados está no programa Erasmus e no Programa Erasmus Mundus. Um trabalho de Bernhard Kurka *et al.* (2008) analisou os *fatores pushing* (o que motiva alguém a sair do seu país de origem) e os *fatores pulling* (o que atrai a alguém para um determinado país). O estudo do autor observava a mobilidade de investigadores e cientistas. Utilizamos, pela aproximação teórica entre os fluxos em causa (mobilidade de estudantes e mobilidade de investigadores), o quadro apresentado pelo autor para resumir os dados relativos às entrevistas conduzidas, a partir do qual sistematizamos os nossos dados:

Perfis de mobilidade revelados pelos entrevistados

	<i>pushing</i> (o que motiva a sair do seu país de origem)	<i>pull-ing</i> (o que atrai no país de acolhimento)
Razões (motivo, incentivos, estímulos)	Conhecer novas culturas e modos de vida (“Gustavo”) Pouco investimento na área científica em que está inserido (“Teresa”, “Tati”). Conclusão do curso (“Juan”) Mobilidade enquanto exigência académica (“Lisa”). Motivação profissional (“Hakan”)	Língua portuguesa (“Gustavo”, “Juan”, “Lisa”). Curiosidade por conhecer Portugal em termos culturais (“Teresa”. “Lisa”, “Nádia”) Protocolos estabelecidos entre as universidades (“Tati”). Investimento numa certa área científica (“Nádia”).
Entraves (barreiras, obstáculos, dificuldades)	Suporte económico insuficiente (“Gustavo”, “Juan”, “Nadia”). Distância em relação ao seu meio familiar, social e físico (“Teresa”)	Sentimento de discriminação pela sua aparência e pelo seu modo de pensar e falar (“Gustavo”) Distanciamento em relação aos seus colegas de sala de aula (“Gustavo”, “Teresa”) Tensões históricas e políticas. (“Juan”, “Lisa”) Cultura e práticas muito diferentes. (“Hakan”) Elevado custo de vida (“Tati”) Idioma difícil (“Tati”)

Fonte: Quadro adaptado de Kurkaet al.(2008, “Understanding scientific mobility - Characteristics, motivation, and location decisions: A study of internationally mobile Austrian scientists and research professionals”)

4.1 ***Pushing*** (o que motiva a sair do seu país de origem)

Tal como exposto na problemática, a mobilidade de estudantes é explicada por vários motivos. Um dos mais frequentemente citados relaciona-se com o desejo de conhecer novas culturas e ambientes. Na pesquisa efetuada, os estudantes entrevistados valorizam o fato de Portugal apresentar alguns traços culturais que, a partida, diferem dos seus países de origem. Essa diferença alicia os estudantes a viver o “choque cultural” (“Gustavo”, Brasil).

A mobilidade para Portugal, sobretudo de estudantes provenientes do Brasil, também é explicada por motivos de ordem académica e profissional. Por vezes, a inexistência de áreas e de professores é a justificativa para a deslocação. Uma entrevistada chinesa afirma ter vindo para Portugal estudar porque na China não há professores habilitados para lecionar certas unidades curriculares ligadas a lusofonia. Outra entrevistada, proveniente do Brasil, acrescenta ter vindo especificamente para psicologia das organizações porque é “uma área da psicologia que não tem muitas disciplinas muito em foque na minha universidade no Brasil” (“Teresa”). Esta realidade mostra-nos que as motivações para sair do país e partir para uma experiência nesta fase da vida podem ser muito concretas e orientadas para os percursos profissionais desejados, suplantando a importância da cultura e da língua. Este perfil de motivações caracteriza mais os estudantes oriundos de países que, a certa altura, apresentam défices de formação numa ou em várias áreas, o

que leva os estudantes a procurar realidades acadêmicas e científicas que satisfaçam ou completem essas falhas. Além dos brasileiros, estas motivações são também vincadas nos entrevistados romenos. O prestígio da universidade é um dos fatores que mais influencia a procura da Universidade do Minho em certas áreas. Além de procurarem aumentar os seus conhecimentos, os estudantes procuram reconhecimento, no regresso ao país de origem. A conclusão de curso pode ser uma motivação para um intercâmbio universitário. “Juan” afirma que “a motivação maior foi acabar o curso, pois na minha universidade parece-me bastante difícil e vim aqui para acabar.”

A experiência de intercâmbio salda-se num processo de conhecimento de novas culturas e de novas línguas, bem como de experimentação e de construção de perspetivas profissionais. Estas dinâmicas do intercâmbio universitário, tornam, aliás, a mobilidade académica a nível internacional como um processo obrigatório em alguns cursos em que no respetivo “plano de estudo é necessário fazer um semestre no estrangeiro” (“Lisa”).

4.2 Fatores de atração

A mobilidade académica não incentiva o estudante somente a sair do seu país e do seu espaço de conforto. Os programas de intercâmbio universitário facilitam aos estudantes a possibilidade de construírem um percurso académico e consolidarem a sua experiência social e intercultural. Verificamos que a escolha da mobilidade por parte de vários estudantes entrevistados está relacionada com a ideia de aprender ou “melhorar o português” (“Lisa”). Como afirma “Gustavo”, a motivação principal por ter escolhido Portugal é que a “barreira da língua não seria algo tão forte”.

O intercâmbio na Universidade do Minho como uma oportunidade para “conhecer mais sobre Portugal” (“Lisa”). A estudante brasileira “Teresa” não esconde a proximidade cultural do seu país com Portugal explica que neste intercâmbio “esperava ter contato” com os seus “antepassados”.

No entanto, a mobilidade universitária não engloba apenas dimensões sociais e culturais, mas também a dimensão académica. A Universidade atrai estudantes estrangeiros devido ao seu prestígio académico e científico. Nádia, estudante de Física, vinda da Roménia, afirma, por exemplo que sua “principal motivação para este intercâmbio foi a pesquisa na área de filmes finos”. Deve mencionar-se que o fato de a universidade ter investido na sua internacionalização, pode ter-se apresentado como uma variável influente na escolha da mesma.

4.3 Barreiras, obstáculos e dificuldades

Em geral, os estudantes que chegam a Portugal trazem muitas expectativas sobre a mobilidade, sendo grande parte delas relacionada com a aprendizagem de uma cultura diferente. Acontece que também acabam por se deparar com barreiras e condicionamentos dificultadores da sua inserção. Uma dessas barreiras é a tendência para o fechamento dos grupos justamente conforme as proveniências e as etnias. “Gustavo” afirma que “existem festas para os Erasmus e as festas para a comunidade académica” e “Tati” explica este distanciamento como sendo consequência do fato de os estudantes portugueses falarem português “muito rápido”, não adaptando a sua linguagem do estudante estrangeiro. Além da língua, outros estudantes sugerem a existência de outras variáveis que podem explicar o fenómeno de separação que se expressa em rituais e passatempos mutuamente exclusivos. “Gustavo” entende que tal diferenciação corrobora a falta de abertura cultural dos portugueses. “Gustavo” descreve o sentimento de frieza na receção dos estrangeiros, não hesitando em classificar esta experiência de apartação como sendo resultado de atitudes xenófobas:

“Quando você se defronta com um indivíduo que pensa diferente, que se veste diferente e que usa símbolos diferentes, aquilo causa uma estranheza. Digo isso pelas minhas tatuagens, pelo meu cabelo comprido e pelo meu estilo de vida. Isso causa estranheza nas pessoas. Até a minha própria língua, pois falamos português.

Mas nós temos a mesma língua, mas não temos a mesma linguagem. Isso causa uma certa estranheza, principalmente em sociedades mais fechadas como eu vi no Norte de Portugal.”

A falta de abertura observada por “Gustavo” no meio social da Universidade, pode ter como motivo a intermediação de tensões históricas e políticas que afetam as sociabilidades quotidianas. Tais tensões e distanciamentos observam-se quando estudantes portugueses “apedrejaram o vidro da varanda” (“Juan”) de um apartamento onde residia o entrevistado e onde tinha colocado a bandeira de Espanha. Ou quando a estudante alemã “Lisa” que assistia um jogo da seleção do seu país com os seus pais em Braga e as “pessoas não reagiram bem” e que “não disseram coisas muito bonitas e também associadas com Hitler.”

5. Processo de inserção e interculturalidade

A cultura integra valores e crenças sustentando sentimentos de pertença ou de auto-exclusão (Neto, 1997) e por isso ela constitui uma variável muito relevante na construção identitária, resultando em situações de migração e de mobilidade. Os entrevistados fizeram um balanço positivo no seu intercâmbio na Universidade, tanto a nível social e cultural, como académico e linguístico, embora apresentem um padrão de resposta menos satisfatório na relação com os estudantes portugueses, atribuindo o facto à tendência para a separação entre grupos étnicos. Uma das entrevistadas, “Teresa”, considera este distanciamento como consequência das diferenças de objetivos entre os Erasmus. “Lisa”, por seu lado, entende este distanciamento como uma dificuldade de comunicação linguística marcada pelas deficiências dos portugueses em falar inglês”, o que “torna muito difícil arranjar portugueses como amigos”.

O distanciamento ao nível social, que marca as experiências dos jovens entrevistados, é concomitante com o progressivo reforço do sentimento de proximidade a Portugal. Em alguns casos, classificada como sentimento de pertença. Depois de nove meses em Portugal “Gustavo” afirma pertencer “mais a cidade de Braga hoje” porque conseguiu “fazer algumas amizades com várias pessoas aqui na cidade de Braga”. “Lisa” acrescenta que Braga é agora a “a sua segunda casa”.

A inserção no ambiente académico relaciona-se com a participação em atividades lúdicas e recreativas nos países de receção. No caso da entrevistada brasileira “Teresa”, esta inserção adquiriu relevância através da participação em atividades festivas, incluindo o “Enterro da Gata”. A participação nestas festividades, condicionada também pelo uso da língua, é um momento privilegiado pelos alunos estrangeiros para refletir sobre as diferenças e as semelhanças na construção das suas identidades. Como descreve “Teresa” com grande detalhe a importância que teve para si ter se vestido com um traje académico característico da Universidade do Minho na construção dos seus referenciais de pertença. Ela conta:

“Uma coisa que é engraçada é que na época do Enterro da Gata, usei como fosse um traje e aí tirei uma foto e coloquei no meu *Facebook*. É engraçado como as pessoas comentavam: “-você está igual a uma portuguesa!”. Essas pequenas coisas passam despercebidas por mim. Mas pelas pessoas que estão lá, aquilo ali é muito diferente que para a gente. Porque a gente vê qualquer aluno da Universidade andando com o traje na rua. Então, nesses momentos é que sinto um *feedback* das pessoas do Brasil, e me sinto fazendo parte de Portugal e de Braga” (“Teresa”).

Para Van Mol (2011), o estudante adquire, depois do período de mobilidade académica na Europa, uma identificação cultural com a pertença europeia que não possuía antes do intercâmbio. O autor observa, desta forma, uma correlação entre a mobilidade académica na Europa e a possibilidade de o mesmo contribuir para um reforço da identidade europeia.

Os entrevistados também conferem elevada importância aos efeitos da mobilidade sobre a melhoria dos seus percursos académicos. Um dos entrevistados menciona que “essa oportunidade de “intercâmbio” abriu “outras portas” para a realização de “mestrados e doutoramentos em Portugal”. A estudante de psicologia, “Teresa”, deixou em aberto a possibilidade do regresso a Portugal, para “manter a relação de grupos de pesquisa.”

A maioria dos alunos está satisfeita com o aproveitamento escolar e com a “boa relação com os professores” (“Lisa”). “Teresa” explica o “êxito” em “quatro disciplinas” que fez no mestrado. Para além das unidades curriculares, a estudante brasileira fez “parte de um projeto de pesquisa de alguns professores.”

A língua é uma dimensão estruturante da realidade social da mobilidade universitária. Os estudantes entrevistados mencionam a vontade em “aprender inglês” (“Hakan”) e/ou para “melhorar o português” (“Lisa”). A maioria dos entrevistados também referiu a língua como um dos fatores de inserção social. Uma estudante afirma que saber português a deixa muito feliz e conta o seguinte: “Como morei em Dublin, quando pus o pé aqui no Aeroporto do Porto, eu olhei para uma placa de algum lugar e consegui ler em português. Eu falei: ‘- Gente! Como é possível?! Você sair do seu país e chegar num outro e você conseguir ler as coisas com facilidade e compreender as pessoas com facilidade!. Eu pensei que fosse ter mais dificuldade com o português de Portugal’” (“Teresa”).

6. Considerações finais

Apesar do balanço positivo dos estudantes em relação à experiência Erasmus em Portugal, regista-se uma certa deceção com o modo de relacionamento com os estudantes portugueses. Tal como se explicou no início deste artigo, o presente texto resulta de um estudo exploratório, centrado sobre um número muito limitado de histórias de mobilidade. Embora os resultados da análise destas histórias corroborem às conclusões a que chegaram autores cujos estudos comportam amostras representativas, reconhece-se a necessidade de aprofundar muitas das questões colocadas, particularmente as que se relacionam com os modos e os graus de inserção dos estudantes Erasmus. Estas passam por variáveis de caráter cultural, mas também institucional. A análise do comportamento institucional, sinalizado nas práticas dos funcionários docentes e não docentes, na organização dos processos e nos esquemas de ensino, adquire uma grande importância para a análise global do problema e sobretudo, para a intervenção política neste campo, tanto a nível organizacional como nacional.

Há ainda a considerar as variáveis culturais e sociais mais relacionadas com os contextos de receção criados em redor dos alunos Erasmus e que colocam algumas questões pertinentes a respeito da cidadania e da experiência multicultural das universidades e que se considera fundamental na construção do espaço europeu e internacional de ensino. O texto, produzido com algumas limitações metodológicas no que respeita ao número reduzido de entrevistados, mostra a necessidade de aprofundar a análise e a ação sobre os esquemas de receção dos estudantes e da sua inserção no meio académico, seja atendendo a atividades de índole académica, seja em atividades de índole recreativa.

Referências bibliográficas

Bourdieu, Pierre (2011). *A Distinção. Uma crítica social da faculdade do juízo*. Lisboa: Edições 70 Lda.

Brooks, Rachel & Water, Johanna (2009). “A Second Chance at ‘Success’: UK Students and Global Circuits of Higher Education”. In *Sociology The Journal Of The British Sociological Association* (2009), BSA Publications Ltd and SAGE, 43 (6), 1085-1102.

Domingues, Joana (2009). *Aproximação da Cultura Europeia, Mobilidade e Circulação de conhecimento: “O caso dos Estudantes Erasmus na Universidade da Corunha”*. Braga, Universidade do Minho, Relatório BII/FCT.

European Commission (2012). *Erasmus – Facts, Figures & Trends. The European Union support for student and staff exchanges and university cooperation in 2010-11*. Luxembourg, Publication Office of the European Union.

Freixo, Manuel (2011). *Metodologia Científica*. Lisboa: Instituto Piaget

- Guerra, Isabel (2006). *Pesquisa Qualitativa e Análise de Conteúdo – Sentidos e formas de uso*. Estoril: Príncipe Editora, Lda.
- Krzaklewska, Ewa & Seweryn, Krupnik (2005). “The experience of studying abroad for exchange students in Europe”. In *Erasmus Student Network Survey 200* in partnership with Petrus Communications, Brussels, Erasmus Student Network.
- Kurka, Bernhard, Trippel, Michaela & Maier, Gunther (2008). “Understanding scientific mobility - Characteristics, motivation, and location decisions: A study of internationally mobile Austrian scientists and research professionals”. In *Working papers in a Knowledge-Driven Global Economy*, Brussels, Dynamic Regions.
- Moreira, Helena Rita (2009). *Mobilidade e empreendedorismo no Ensino Superior: o caso da Ciências Sociais*, Braga, Universidade do Minho, Tese mestrado.
- Munk, Martin (2009). “Transnational Investments in Informational Capital: A Comparative Study of Denmark, France and Sweden”. In *Acta Sociologica*, Los Angeles, London, New Delhi, Nordic Sociological Association and SAGE, 52, 5-23.
- Peixoto, João (1997). *Estudos de psicologia intercultural: nós e outros*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Rivza, Baiba & Teichler, Ulrich (2007). “The role of student mobility”. In *Higher Education Policy* (2007), Paris, 20, 457–475.
- Teichler, Ulrich & Sadlak, Jan (2000). *Higher education research: its relationship to policy and practice*. Oxford: Pergamon
- Teichler, Ulrich (2002). *Erasmus in the Socrates programme: findings of an evaluation study*. Bonn: Lemmens Verlags
- Urban, Dieter (1982). “Mobility and the Growth of Science” in *Social Studies of Science*, SAGE, 12, 409-433.
- Van Mol, Christof (2008). “La imigración de estudiantes chinos hacia Europa”. In *Migraciones Internacionales*, Tijuana, El Colegio de la Frontera Norte, 4 (4).
- Van Mol, Christof (2011). “The Influence of European Student Mobility on European Identity and Subsequent Migration Behaviour”. In *Analysing the Consequences of Academic Mobility and Migration* Cambridge Scholars Publishing, 29-50.

ⁱPara resguardar a identidade dos entrevistados utilizamos nomes fictícios.